A LEITURA A PARTIR DO POEMA "RETRATO", DE CECÍLIA MEIRELES

READING FROM THE POEM "RETRATO", BY CECÍLIA MEIRELES

Duana Maria Pereira da Silva[1]

Marta Souza Freitas[2]

Zildenires da Silva Alves[3]

Luciana Raimunda de Lana Costa[4]

DOI: https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i11.893 Aceito em: 03.11.2026

Resumo: Este texto parte do princípio de que a literatura, como arte e comunicação, deve ser acessível desde a infância, pois contribui para a formação subjetiva de crianças e adolescentes. A leitura, prática cultural adquirida, é formalmente introduzida pela escola, mas inicia-se nas interações cotidianas. Nesse contexto, o professor atua como mediador, promovendo projetos literários que visem desenvolver a leitura em seu maior potencial. Como aporte teórico este texto traz Antonio Candido (2000), Rildo Cosson (2012;2020) sobre o letramento literário e Paulo Freire (1996;1998) e o documento norteador da educação, a BNCC, sobre formas de ensino e metodologias a serem utilizadas pelo professor.Escolheu-se, para esse fim, a leitura do poema Retrato, de Cecília Meireles, no intuito de provocar reflexões sobre identidade, tempo e transformação. A obra revela o impacto da passagem dos anos na percepção do eu lírico, evidenciando a perda da juventude e da vitalidade. Os alunos se identificaram com essa trajetória, reconhecendo os efeitos do tempo em familiares e em si mesmos.O projeto buscou estimular sensações e expressões nos alunos do 3º ano, observando suas reações à leitura literária.

Palavras-chave: Leitura literária. Passagem do tempo. Identidade.

Abstract: This text is based on the principle that literature, as art and communication, must be accessible from childhood, as it contributes to the subjective formation of children and adolescents. Reading, an acquired cultural practice, is formally introduced by the school system but begins in everyday interactions. In this context, the teacher acts as a mediator, promoting literary projects aimed at developing reading to its fullest potential. As a theoretical framework, this text draws upon Antonio Candido (2000), Rildo Cosson (2012; 2020) on literary literacy, and Paulo Freire (1996; 1998), as well as the guiding document for Brazilian education, the BNCC, regarding teaching methods and methodologies to be utilized by the teacher. To this end, the reading of the poem *Retrato* (Portrait) by Cecília Meireles was chosen to provoke

1 Seduc-MT, duana.maria@edu.mt.gov.br, https://lattes.cnpq.br/9281687934702765
2 Unemat, marta.souzafreitas@gmail.com, http://lattes.cnpq.br/6650280417304644
3 Semec-Comodoro- MT, silvazildenires@gmail.com , http://lattes.cnpq.br/8946560328846104
4 Seduc-Mt, dralucianalana@gmail.com, http://lattes.cnpq.br/4589897952784153

A Ilustração (ISSN 2675-908X) está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

reflections on identity, time, and transformation. The work reveals the impact of the passing years on the poetic persona's perception, highlighting the loss of youth and vitality. The students identified with this trajectory, recognizing the effects of time on their family members and themselves. The project sought to stimulate sensations and expressions in 3rd-year students, observing their reactions to literary reading.
Keywords: Literary reading. Passage of time. Identity.

Introdução

A literatura é uma das criações realizadas pelo ser humano, representada pelo ato da comunicação, formas de linguagens, criatividade, ou seja, arte em palavras, por essa conjectura, compreende-se que seu acesso deve existir e acontecer desde a tenra idade. Crianças e adolescentes precisam ter acesso à literatura, pois isto implica em algo que transforma e possibilita a formação como sujeito por meio da humanização alcançada a partir do ato de ler e a interação entre autor - texto e leitor.

Por essa perspectiva, compreende-se que a escola/professor deve desenvolver este papel a partir da mediação da leitura, por meio de projetos literários nos quais todos possam participar, pois quando a criança tem acesso à leitura literária, consequentemente teremos um sujeito leitor mais crítico. Muito distante de tomar a literatura como instrumento para um fim, este texto defende que a literatura, ao fazer parte do crescimento pessoal e intelectual, possibilita-o a ser protagonista do seu próprio conhecimento.

Ao possibilitar o acesso ao processo de leitura, por meio do poema Retrato, de Cecília Meireles, com a turma 3º ano, do ensino fundamental anos iniciais, intencionou-se uma ação a destacar a manifestação de expressões e sensações as quais possam provocar o interesse na prática de leitura. Além disso, buscou-se observar como os sujeitos leitores receberam a materialidade e o efeito provocado por ela.

Sentidos a partir da leitura do poema "Retrato", de Cecília Meireles

O poema fala sobre a percepção de si mesma e a transitoriedade da vida, elementos que podem ser debatidos e analisados em grupo. Segundo Bakhtin (1992), a forma não é um invólucro externo ao conteúdo, mas sua expressão concreta e inseparável. No poema, a estrutura sintática e a escolha lexical constroem uma imagem de transformação física e emocional que se intensifica ao longo dos versos. A repetição da fórmula "Eu não tinha..." seguida de descrições corporais e afetivas — "estas mãos sem força", "estes olhos tão vazios", "este rosto de hoje" — evidencia a passagem do tempo como elemento constitutivo da identidade.

O texto de Meireles parece estabelecer uma relação de espelhamento com o eu lírico. A forma poética, marcada por versos curtos e ritmo introspectivo, permite que o conteúdo — a percepção da velhice, da perda e da mudança — seja apropriado pelo leitor como experiência própria. A pergunta final do poema, "Em que espelho ficou perdida a minha face?", é retomada

no depoimento como indagação existencial: “onde foi que eu me perdi?”. Essa transposição do texto para a vida confirma a tese bakhtiniana de que o sentido se realiza na interação entre enunciado e contexto de produção e recepção

O poema descreve uma pessoa que viveu um determinado tempo e já está na terceira idade, numa idade avançada.

Eu não tinha este rosto de hoje,

Assim calmo, assim triste, assim magro,

Nem estes olhos tão vazios,

Nem o lábio amargo.

O eu-lírico parece ser uma pessoa amarga, mas que parte de um saudosismo do que era porque ela fala que tinha um outro rosto. Este é o ponto que orienta o leitor a pensar que o eu-lírico era uma pessoa bonita, invejável aos olhos das pessoas, mas hoje não é mais assim. Hoje ela é tranquila, calma, triste, magra.

Quando se é jovem a aparência é toda firme e nada parece difícil ou triste: o lábio parece doce, tudo é bonito. Ao envelhecer nada cai bem, nem em se tratando de vestimenta, de alimentação ou até passeios, mas é a amargura que toma conta do psicológico do ser-idoso. Este, passa a ser esquecido e desconsiderado pela sociedade, o que acarreta ainda mais dor diante do espelho. Eis que o poema representa uma trajetória de envelhecimento, mas também convoca o leitor a reconhecer-se na linguagem. A forma poética, ao expressar o conteúdo da perda e da transformação, torna-se espaço de escuta e de construção de sentidos, configurando a literatura como prática de humanização e diálogo.

Dito de outra forma, o eu-lírico fala que, em tempos passados, tinha uma maneira diferente de viver, com o passar do tempo se tornou triste, dessa maneira começou a viver sem se importar com o presente, tornando-se assim sem muita expectativa para o futuro, com isto foi perdendo as forças, tornando-se uma pessoa fria que parecia mais ter se desvivido. Olhando para si, ela observa que nem percebeu quando tudo foi perdendo sentido, então percebe-se que está extremamente perdida em sua identidade. Em referência ao que era não tem como voltar e quanto ao futuro, o eu-lírico começa a se perceber pertencente a um lugar que quase ninguém se vê preparado para estar: a finitude do ser.

Eu não tinha estas mãos sem força,

Tão paradas e frias e mortas;

Eu não tinha este coração

Que nem se mostra.

A velhice impõe uma ruptura silenciosa com a continuidade da identidade construída ao longo da vida. A experiência do envelhecer não se resume apenas à perda física, mas também à dissolução simbólica do sujeito em um tempo que já não lhe pertence completamente. A consciência da passagem do tempo, muitas vezes reprimida nas etapas iniciais da existência,

torna-se uma presença constante e inescapável, revelando-se em momentos epifânicos de lucidez existencial.

Ao ler Retrato, não é difícil o leitor (já possuindo certa idade) se considerar, assim como o eu-lírico uma pessoa sem força, sem força nos nervos e, até mesmo, percebê-los encolhendo, sentir-se sem resistência tal qual durante a juventude, na flor de idade de seus 20 ou 30.

A epifania, neste contexto, configura-se como uma súbita revelação da condição humana, marcada pela impermanência. Segundo Clarice Lispector (1999), "epifania é o instante em que o cotidiano se rasga e revela, por um segundo, sua essência." No envelhecimento, esse rasgo se dá muitas vezes no confronto com objetos, gestos ou sons que evocam o passado, provocando um choque entre a memória e o presente esvaziado de sentido.

No entanto por que o eu-lírico diz que o coração não se mostra? Quando se é jovem nem se percebe que se tem coração. É como se não tivesse nada, porque não se sente nada, mas com o avançar da idade, aparecem as dores e as doenças para mostrar a presença de tudo. Há que se dizer ainda do sentido figurado presente na expressão: "Eu não tinha este coração/ Que nem se mostra". Ou seja, a fugacidade da vida além da saúde, também retirou a esperança e a vitalidade do eu-lírico que, no presente, apenas vive de reminiscências de um tempo que já não volta mais.

O retrato de Cecília Meirelles descreve uma pessoa que com o passar dos anos vai se dando conta da mudança, da transformação que é a vida. Descreve uma criança bonita, pois a maioria dos seres humanos quando criança, quando jovens, são belos no sentido de ter vitalidade, serem atraentes para alguém, que tem tudo para dar certo na vida, e por terem um rosto jovem são considerados socialmente. Pelas possibilidades que estão à frente costumam estar sempre alegres, sorridentes, os olhos cheios de vida. Quando a pessoa se dá conta ela já está na velhice onde tudo já mudou, tudo se transformou e começa a se perguntar, a perguntar para o espelho onde ela se vê totalmente desconfigurada onde foi que ela se perdeu no decorrer do tempo com certeza.

> Eu não dei por esta mudança,
> Tão simples, tão certa, tão fácil:
> — Em que espelho ficou perdida
> a minha face?

Essa percepção do tempo como agente de desgaste é ressaltada por Bauman (1998), ao afirmar que "a identidade, hoje, é uma colagem de fragmentos voláteis", fragilidade esta que se acentua na velhice, quando os vínculos sociais e afetivos enfraquecem e a memória deixa de garantir estabilidade. O idoso, ao perceber-se estranho às novas dinâmicas do mundo, experimenta uma espécie de desterritorialização simbólica — o corpo já não responde, os rostos mudam, e o tempo interior já não acompanha o tempo externo.

A fugacidade da vida opera como força desestabilizadora da noção de "eu" contínuo. Como explica Agamben (2007), a identidade se forma na tensão entre a experiência e sua

representação — na velhice, essa tensão implode, e a experiência, esvaziada, já não encontra lugar no discurso social. O sujeito envelhecido passa, então, a habitar uma espécie de limbo, onde é lembrado por fragmentos, mas já não é escutado em sua plenitude.

O poema exalta a melancolia do eu lírico devido a sua perda de identidade, como o rosto que não é mais juvenil, ao qual não se reconhece mais em um espelho, como em" assim triste", "assim magro", apresenta o nítido reflexo do tempo, pois o tempo em nossas vidas é uma passagem inexorável que deixa marcas, tanto no corpo, como na alma, tornando-se apenas uma constatação da mudança com uma aceitação passiva de sua fisionomia, apática, cansada e envelhecida, retratada no verso "- Em que espelho ficou perdida A minha face?", culminando no espanto de consciência tardia em relação a sua aparência e sua identidade.

A reflexão sobre a velhice, portanto, ultrapassa o plano biológico e alcança o território da linguagem e da memória. Ao perder a força de sua narrativa pessoal, o sujeito vê ruir a ilusão de permanência, enfrentando a radicalidade da existência efêmera. A epifania que a velhice traz, ainda que dolorosa, é também reveladora: nela, o ser humano se encontra consigo mesmo, despido das máscaras do tempo.

Candido (1993) afirma que, o valor da literatura não está limitado à sua temática, mas à maneira como ela é apresentada, outrossim, pela forma como a história é contada, pelo estilo e os elementos literários, ou seja, é tão importante quanto o conteúdo em si.

Retrato, uma práxis possível

O ato de ler deve sempre ser uma prática de apreciação. Por esse viés, Coelho (2003), afirma que a literatura é uma ferramenta essencial para a construção da identidade, do caráter, promovendo a empatia e a compreensão de cada indivíduo que vivencia.

Levar a obra *Retrato* como leitura em sala de aula, emergiu do anseio de apresentar à turma o poder de poetizar da literatura de , objetivando a interpretação dos alunos e discussões acerca da obra. A proposta é incentivar os alunos na leitura e na análise dos aspectos poéticos, simbólicos, proporcionando uma compreensão rica e reflexiva sobre o poema, identificando quais foram os aspectos mais marcantes, como a obra impactaram e despertaram seu imaginário, quais partes fizeram refletir alguma lembrança, se foi boa ou ruim, as perguntas foram direcionadas após os alunos finalizarem a leitura, fazendo-os a refletir o ato de ler, nessa perspectiva.

Segundo Lima et al., (p. 3, 2012):

> [...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

Sendo assim, há uma necessidade intrinsecamente inconsciente ou consciente pela necessidade de fabulação, de fantasia, de diferentes idades, de todas as classes sociais, seja por meio, da contação de histórias, lendas, obras literárias, conto de fadas, fábulas ou uma criação hipotética da realidade. O ser humano sempre buscou um universo paralelo, ao qual pudesse escapar imaginativamente. Como afirma Candido "a literatura apresenta um grande poder humanizador"(Aldo de Lima... [et al.], pg. 04, 2012), visto que o seu enriquecimento social transforma sociedades, agrega uma diversificação cultural e artística, de modo, que a sociedade não pode viver sem a literatura, que nas palavras de Candido " não poderá ser negada a ninguém", pois todos nós nde literatura, de nos culturalizar.

Por esse viés, Lima et al. Candido afirma que:

> A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Lima et al., p. 6, 2012).

A culturalização da prática de leitura para as crianças é um processo fundamental, pois tem a capacidade de transformá-lo intelectualmente, assim como, construir sua personalidade, negá-la tornaria o processo opressor e empobrecido na formação como ser humano, de forma que, alimentar intelectualmente as crianças/educandos estará preparando-as para uma vivência de riquezas, conhecimentos, interação com outras culturas, ou seja, estará universalizando seus conhecimentos através dos processos e aprendizados por meio da literatura. Por essa perspectiva Lima et al. Candido enfatiza que "por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo".

Ao pensarmos que a literatura tem um poder de construção de humanização do ser humano, seja de qualquer idade ou lugar, que a inconstância da vida também se baseia entre o paralelo do real e imaginário, ao qual, faz-se de forma inconsciente através do "sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade" (Aldo de Lima... [et al.], pg. 04, 2012). Em virtude das afirmações de Cândido, compreende-se que a "fantasia" não é pura, mas que sempre vem atrelada a aspectos vivenciados pelo sujeito.

> A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura (Candido, p. 81, 2002).

Vivenciar e experienciar são formas que o ser humano precisa para centralizá-lo, e não foge dos preceitos da literatura que vive uma incessante busca de preencher o vazio internalizado do ser, seja por meio da individualidade ou no coletivo, todos precisa se afugentar da realidade, pois são janelas de escapes de modo consciente ou inconsciente. Por isso, que precisamos incansavelmente da literatura, e nada melhor do que inseri-lá a realidade das crianças, fazê-

las experienciar/vivenciar nos primeiros contatos, de modo, ao qual seja sutil e fabulosa, pois segundo Aldo de Lima… [et al.], pg. 03, 2012)

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (Aldo de Lima... [et al.], pg. 03, 2012)

Criações essas que tentam suavizar a vivência tumultuosa do ser humano, por meio da sua culturalização literária, do sentir a pureza de novos aprendizados proporcionados pela literatura.

"Retrato", uma práxis, uma inserção de leitura literária

A experiência realizada com alunos da Escola Municipal Professora Ilma Valadares de Aragão, do 3º ano do Ensino Fundamental, se deu a partir da leitura e interpretação do poema Retrato, de Cecília Meireles. A proposta teve como base as habilidades da BNCC (EF15LP05, EF15LP06, EF15LP09, EF15LP15), com o objetivo de desenvolver a apreciação estética da linguagem poética, estimular a escuta, ampliar o repertório literário e incentivar a produção autoral dos estudantes.

A escolha do poema se deu pela sua simbologia e temática universal, abordando questões como identidade, memória e passagem do tempo. A leitura literária foi concebida como prática formadora, conforme os pressupostos do letramento literário (Cosson, 2012), que ultrapassa a decodificação textual e promove a construção de sentidos e a fruição estética. A proposta também dialogou com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que defendem a inserção da literatura como forma de ampliar o repertório cultural e desenvolver competências cognitivas e expressivas.

Para darmos início à atividade poética, cujo tema foi Retrato de Cecília Meirelles, preparamos um painel com as fotografias solicitadas aos alunos na aula anterior. Os alunos trouxeram fotos de quando eram bebês e atuais, o que proporcionou um momento de descontração e reflexão sobre a identidade e a passagem do tempo em nossos rostos e histórias. A mostra também contou com foto da professora regente e gerou diversos comentários, inclusive sobre a aparente mudança. Os alunos comentaram as fotos dos colegas, notando as diferenças e imaginando como seriam no futuro.

Figuras 1 e 2



Fonte: Acervo próprio

Após a apresentação do painel de fotos, abordamos a vida da autora Cecília Meireles, questionando a turma sobre seu conhecimento a respeito dela. Alguns alunos demonstraram desconhecer a autora. Explicamos, então, de forma clara e adaptada à compreensão de crianças do terceiro ano do ensino fundamental, aspectos relevantes da vida e da infância de Cecília Meireles. A abordagem visava facilitar a compreensão sobre a autora. Os alunos mostraram-se impressionados com a relação de Cecília Meireles com os livros e o hábito da leitura, o que serviu de incentivo para eles.

Em seguida, distribuímos o poema "Retrato", de Cecília Meireles, impresso para a turma, e solicitamos que realizassem a leitura e apreciassem o texto, destacando as palavras que mais chamassem a atenção deles. Anotamos cada palavra que eles ditavam na lousa. As palavras que se destacaram foi: coração, calma, triste, mortas, frias, vazio, força, mudanças, lábios, olhos, amargos, simples, perdida, espelho, face.

Após a leitura individual e o destaque das palavras, iniciamos a roda de conversa com os alunos, utilizando as perguntas norteadoras para aprofundar a interpretação e a apreciação do poema. O objetivo foi não apenas a compreensão, mas a conexão emocional e a reflexão sobre os temas universais abordados por Cecília Meireles.

A discussão começou de forma bastante participativa, e as respostas e associações dos alunos foram cuidadosamente registradas na lousa. Questões como: "Quem fala no poema?", "Sobre o que o poema está falando?". A maioria dos alunos identificou que é uma **mulher/o "eu lírico"** que fala de si mesma. "Eu não tinha este rosto...", "a minha face". (Aluno 1)

Ela está falando de como ela era e como ela é agora. (Aluno 2). Focamos no uso da primeira pessoa para que os leitores percebessem que podia se tratar também de homem, embora a preocupação com a aparência, em geral, costuma ser mais uma preocupação feminina.

Exploramos o tom melancólico do poema e os leitores quando q**uestionados sobre como eu-lírico se sente ao se ver no retrato** associaram as palavras à tristeza, **à solidão e à falta de reconhecimento** de si mesma com comentários tais como:

> Porque o poema diz assim triste e que o lábio dela está amargo. Significa que ela

> tem muita tristeza e fala palavras tristes. (Aluno 1)
>
> Ela se pergunta: Em que espelho ficou perdida a minha face?. Parece que ela não sabe quem é mais. (Aluno 2)
>
> Porque ela está comparando o rosto de antes com o rosto de agora e parece que o antes era melhor. (Aluno 3)
>
> Ela está olhando para o retrato e achando o seu rosto diferente do que era. (Aluno 4)
>
> Porque o poema fala que os olhos dela estão tão vazios, com muita tristeza, como se não tivesse nada no olhar. (Aluno 5)
>
> As mãos dela estão sem força, paradas e frias e mortas, como se não pudesse fazer nada. (Aluno 6)
>
> Ela está assim calmo, mas não é um calmo bom, é um calmo que não se mexe. (Aluno 7)
>
> De repente, ela viu que o tempo passou, e ela não percebeu. Assim como nós que olhamos os nossos retratos e vimos as nossas mudanças e como foi rápido crescer e já estarmos no 3° ano. (Aluno 8)
>
> Como se o tempo tivesse acabado com ela. (Aluno 9)
>
> Ela sente falta de quem ela era. (Aluno 10)
>
> Foi tocado por uma tristeza ela não tinha o mesmo jeito de ser e nem a mesma alegria. (Aluno 11)
>
> Tipo somos os retratos mudamos com o passar dos anos, o poema trouxe recordações de infância na trajetória da vida. (Aluno 12)

Sobre identificação questionamos, vocês acham que se parecem ou conhecem alguém que se pareça com a mulher que está falando? Contem. Entre os comentários surgi*u*: "Eu acho que ela parece com a minha avó quando ela fala sobre o meu avô que faleceu ano passado." Ainda sobre identificação questionamos: Vocês acreditam que em algum momento da vida nós também possamos sentir o que ela está sentindo? Por quê?

> Sim, porque a gente muda de gosto, a gente não é mais a criança que era antes. (Aluno 12)
>
> Sim, pode acontecer de ter que enfrentar o luto e com isso ficar muito triste. (Aluno 10)
>
> Vai que uma hora meus pais morrem, e com isso irei morrer, ficar assim como a mulher do poema. (Aluno 1)
>
> Sim, certeza porque vamos lidar com tristeza. (Aluno 13)
>
> Sim porque todos nós podemos sentir tristeza no decorrer da vida. (Aluno 14)

Com a discussão inicial sobre os sentimentos do poema concluída, o próximo passo da aula visou transformar a compreensão textual dos alunos em uma representação visual e concreta, incentivando a interpretação individual dos versos e o trabalho colaborativo.

Em duplas, os alunos escolheram um único verso do poema “Retrato” de Cecília Meireles que mais lhes tocou ou que consideram mais significativo. Cada dupla recebeu uma folha de papel e outros materiais de desenho.O desafio da dupla foi **desenhar , o sentimento ou a ideia** que o verso escolhido representa para eles. Segue abaixo as ilustrações:

Figuras 3, 4, 5, 6 e 7



Digitalizado com CamScanner



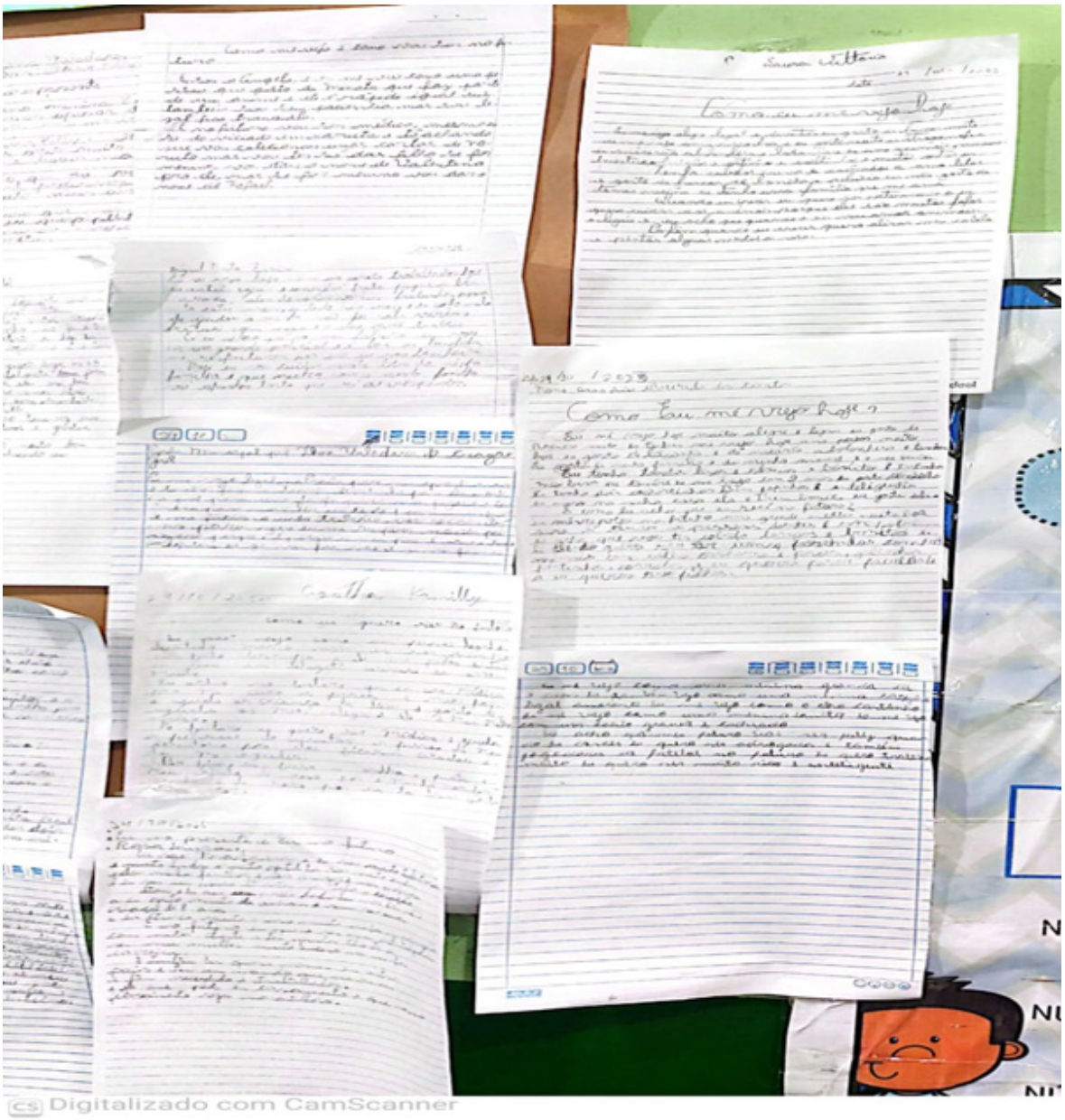
Fonte: Acervo próprio

As duplas apresentaram seu trabalho para a turma e leram em voz alta o verso que escolheu. Justificando por que escolheu aquele verso e como a imagem representa a ideia ou o sentimento que eles captaram no texto. Esta atividade de interpretação visual é fundamental porque ela

ajudou a entender o poema em pedacinhos. Ao dividir o poema em versos e representarmos cada um com desenhos, as ideias e os sentimentos de Cecília Meireles se tornaram mais claros para todos.

A culminância do nosso ciclo de aulas sobre o poema "Retrato" de Cecília Meireles se deu com a produção textual individual e a confecção final dos poemas em duplas, transformando a reflexão em arte escrita. A seguir as ilustrações das produções:

Figuras 8 e 9





Fonte: Acervo próprio

Os textos e desenhos foram organizados em um mural coletivo intitulado “Meu retrato, meu poema”, com legendas poéticas inspiradas no estilo da autora. A culminância se deu com uma roda de leitura, na qual os alunos apresentaram suas produções à turma e posteriormente à comunidade escolar.

A avaliação foi realizada de forma contínua e formativa, considerando a participação nas rodas de conversa, a capacidade de interpretação simbólica, a coerência das produções textuais e artísticas e o envolvimento com a linguagem poética. A metodologia adotada valorizou a mediação ativa do professor, a escuta, a oralidade e o protagonismo infantil, conforme defendem Santos & Franco (2020), ao compreender a literatura como forma de estar no mundo, de sentir, imaginar e criar.

Conclusão

A experiência demonstrou que a literatura, quando oferecida como vivência estética e afetiva, permite à criança habitar o mundo com linguagem, memória e sensibilidade. Como afirma Paulo Freire (1998), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e foi justamente essa leitura ampliada que se buscou promover ao relacionar o texto poético com as histórias e afetos dos alunos.

A leitura não é um comportamento natural do ser humano, como comer ou dormir; ela é cultural e precisa ser adquirida. Normalmente, à escola cabe a nossa introdução no mundo das letras. Ali desenhamos as primeiras palavras e lemos os textos iniciais. No entanto, a leitura começa muito antes, quando, pequenos ainda, percebemos os impressos mais corriqueiros, como cartazes, logomarcas, letreiros de ônibus, chamadas televisivas e tantas outras mensagens que, claro, são muito mais numerosas nas cidades do que no mundo rural. Nesse momento, já começamos a fazer associação entre as manchas escritas e a significação que elas contêm, embora sem saber soletrar. (Aguiar, p. 27, 2007).

A literatura, como expressão artística e comunicativa, deve ser acessível desde a infância, pois contribui para a formação humana e subjetiva de crianças e adolescentes. A leitura, sendo uma prática cultural e não instintiva, é introduzida formalmente pela escola, mas começa muito antes, nas interações cotidianas com textos visuais e escritos. Nesse contexto, cabe ao professor atuar como mediador por meio de projetos literários que envolvam todos os alunos, promovendo o desenvolvimento de leitores que buscam se adaptar a realidades diferentes de leitura.

A leitura do poema “Retrato”, de Cecília Meireles, desperta reflexões profundas sobre a identidade, o tempo e a transitoriedade da vida. A obra revela a percepção do eu lírico diante das marcas deixadas pela passagem dos anos, evidenciando a perda da juventude, da vitalidade e da esperança. Os leitores identificam-se com essa trajetória, reconhecendo em si mesmos os traços da transformação física e emocional descrita nos versos.

A imagem do espelho, recorrente na obra, simboliza o confronto com a própria identidade e o espanto diante daquilo que já não se reconhece. Além disso, o estudo da linguagem figurativa — metáforas, antíteses, simbolismos — estimula o interesse dos alunos pela construção de sentidos na poesia, favorecendo a escuta sensível e a expressão subjetiva. O estilo lírico e introspectivo de Cecília Meireles convida à comparação com outros poetas da mesma época, ampliando o repertório literário e crítico dos estudantes. Por meio dessa leitura, os alunos interpretam o texto e se posicionam como sujeitos leitores, capazes de atribuir significados à própria existência, reconhecendo a literatura como espaço de escuta, memória e humanização.

Referências

ALDO DE LIMA... [et al.]: *O direito à literatura* / organizadores –Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 160 p.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGUIAR, Vera Teixeira]. *Leitura e Conhecimento*. Santa Cruz do Sul, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br. Acesso em: 11 out. 2025.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* Língua Portuguesa – Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAGAS, Lilane Maria de Moura; MACHADO, Caroline. Letramento literário na educação infantil: a experiência da palavra no espaço. In: V Congresso Brasileiro de Alfabetização, 2019. Disponível em: [UDESC](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1473/1096).

COELHO, N. N. *O conto de fadas*: símbolos de muitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

COELHO,N. N. *A literatura infantil***:** história,teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. 2ª ED. São Paulo: Quíron/Global,1982.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura.* São Paulo: Contexto, 2020.

FIUZA, Marina Miranda. *Literatura e infância na experiência de linguagem*: trilhas de uma poética. 2021. Tese (Doutorado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [PUC-SP](https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/24603/1/Marina%20Miranda%20Fiuza.pdf).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e

Terra, 1996.

GARCIA, Maria Luíza da Silva Souza. O papel da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento: estratégias e impactos na formação de leitores. 2024. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ipatinga. Disponível em: [UFOP](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7364/1/MONOGRAFIA_PapelLiteraturaInfantil.pdf).

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MEIRELES, Cecília. Retrato. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTANA, Leonardo Sampaio Baleeiro et al. *Letramento literário: poesias na educação*. Revista Educação, v. 29, n. 144, mar. 2025. DOI: 10.69849/revistaft/cl10202503242206. Disponível em: [Revista Educação](https://revistaft.com.br/letramento-literario-poesias-na-educacao/).

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura*. Artes Médicas, 1988.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Contexto, 2009.